

Políticos só pensam em 2002

■ Sucessão de Fernando Henrique já movimenta a base governista e a oposição, causando problemas para o presidente

CARMEN KOZAK Carlos Eduardo/9-12-2000 Evandro Teixeira/27-11-2000

BRASÍLIA — A eleição presidencial só acontece em outubro de 2002. Mas desde janeiro de 1999 está dando o tom da política nacional e criando problemas para os projetos do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso. Governo e oposição jogam pesado para ver quem se firma internamente. Na seara governista, lutam entre si por uma melhor posição e pela exclusão de grupos. Na oposição, lutam contra a hegemonia petista e a candidatura naturalíssima de Luiz Inácio Lula da Silva. Em raia própria, Ciro Gomes, do PPS, tenta tirar proveito e sonha com a adesão dos excluídos da situação e da oposição.

A senha para a antecipação do jogo sucessório foi dada logo após a posse de Fernando Henrique para o segundo mandato. A crise cambial brasileira abalou a confiança depositada no Plano Real, no programa de estabilização econômica. A resposta dos aliados não demorou e nomes de presidencialistas pipocaram de todos os lados.

De pronto, PMDB e PFL anunciaram planos de candidatura própria e exigiram medidas de interesse social. Pefelistas, hoje às turras com o senador Antonio Carlos Magalhães, o aclamaram candidato do partido. Outros nomes surgiram: os governadores Jaime Lerner e Roseana Sarney, o vice-presidente Marco Maciel. O PMDB, por sua vez, colocou a candidatura do senador Pedro Simon na estrada há um mês. Nenhum com viabilidade eleitoral, segundo as pesquisas de hoje.

No ninho tucano, a reação também foi imediata. Apontaram os nomes dos governadores Mário Covas e Tasso Jereissati e dos ministros José Serra e Paulo Renato Souza. A oposição, apostando no crash da economia, não perdeu tempo e abraçou o slogan "Fora FHC". Ciro Gomes e Itamar Franco (sem partido), de olho na centro-esquerda e na debandada governista, engrossaram o coro.

Desde então não pararam. O avanço petista nas eleições municipais atícou ainda mais os ânimos. Afinal, em 2002 não é apenas o Palácio do Planalto que estará em jogo. Os governos estaduais dos 26 estados e do Distrito Federal, a renovação do Congresso e das assembleias legislativas se darão ao mesmo tempo. Depois de oito anos de supremacia da base aliada na esfera federal e nos estados, todos querem ampliar horizontes.

Não é à toa que a guerra PFL-PMDB se agravou. Nos dois partidos, a certeza de não dispor de um nome viável. Sobraram duas opções: ser vice na chapa presidencial oficial ou parceiro de Ciro Gomes. Quem melhor se compuser na chapa à presidência terá melhor palanque para puxar seus candidatos nos estados. "Em princípio existe a tendência de candidaturas próprias e de trabalhar alianças só para o segundo turno", diz o presidente nacional do PFL, Jorge Bornhausen.

Enquanto isso, os parceiros preferenciais de grupos tucanos, peemedebistas e pefelistas alternam-se na liderança dessa corrida. Na semana passada, por exemplo, Tasso estava em alta. Nessa começa a entrar em queda. Trajetória semelhante à do candidato apatidário e ministro da Fazenda, Pedro Malan, nome momentaneamente arquivado, mas que vez por outra surge na bolsa antecipada de apostas da sucessão. "Prepara-se uma eleição com antecedência, mas sai candidato quem mostrar mais folego na época do pleito. Foi como fizemos com o Fernando Henrique", costuma repetir Antonio Carlos Magalhães.

No PT, o senador Eduardo Suplicy (SP) apresenta-se como opção de futuro, tentando fugir de uma quarta candidatura de Lula. No PDT de Leonel Brizola tenta-se, aparentemente em vão, uma fusão com o PTB. O PSB oferece-se como abrigo para qualquer presidencialista. Pode levar o governador Anthony Garotinho, mas não vingou a tentativa de atrair Itamar Franco.

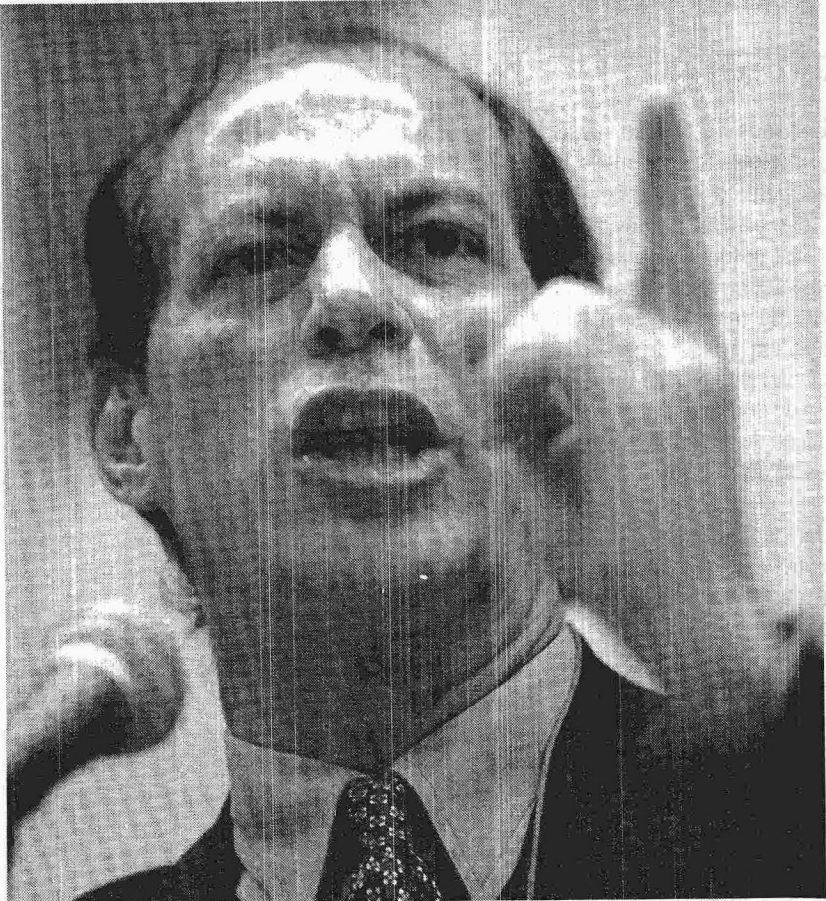
"Anteciparam demais a sucessão", afirma o pré-candidato do PT ao governo de São Paulo, deputado José Genoíno. "Isso é fruto da crise na base governista, mas para a sucessão pode ser uma precipitação perigosa", alerta. "É tempo demais de exposição na chuva e no sol", conclui.

Embora joguem em campos opostos, o comando petista e o Palácio do Planalto apostam que a situação mudará em janeiro, com a posse dos prefeitos eleitos. "O povo vai ter de cuidar das prefeituras e deixar de lado a sobra da campanha municipal", arrisca Genoíno. "O Brasil, por ter eleições a cada dois anos, tem que se habituar a esses períodos de politização exacerbada, ainda vivemos reflexos das eleições municipais", concorda Aloysio Nunes Ferreira, secretário-geral da Presidência.

O presidente Fernando Henrique tem a mesma opinião. Ciente de que os partidos não deixarão os interesses políticos de lado, FH administra crise a crise. Preocupa-se, contam interlocutores, em não perder aliados. Aposta que, no final, o que determinará o cenário é a situação econômica do país. Se a economia estiver bem, terá as credenciais que precisa para manter a base preservada e interferir na própria sucessão. Se não estiver, o beneficiário será o melhor jogador da partida.

"A sucessão não foi antecipada, político é assim mesmo, governista ou de oposição não pode abandonar a vida partidária, é do jogo", minimiza o ministro. Ele lembra que, na semana passada, o governo aprovou projetos importantes no Congresso, com apoio ostensivo da base aliada.

O Planalto, conta outro integrante do núcleo de articulação política do governo, sabe que a sucessão é o pano de fundo de todos os problemas enfrentados por Fernando Henrique desde a reeleição. Mas o presidente só pretende interferir caso sinta ameaçada as condições de governabilidade. Já está certo, confirmam um dirigente tucano e um ministro de Estado, que o presidente agirá em breve para apaziguar os ânimos exaltados com a cruzada de Antonio Carlos contra o PMDB de Jader Barbalho.



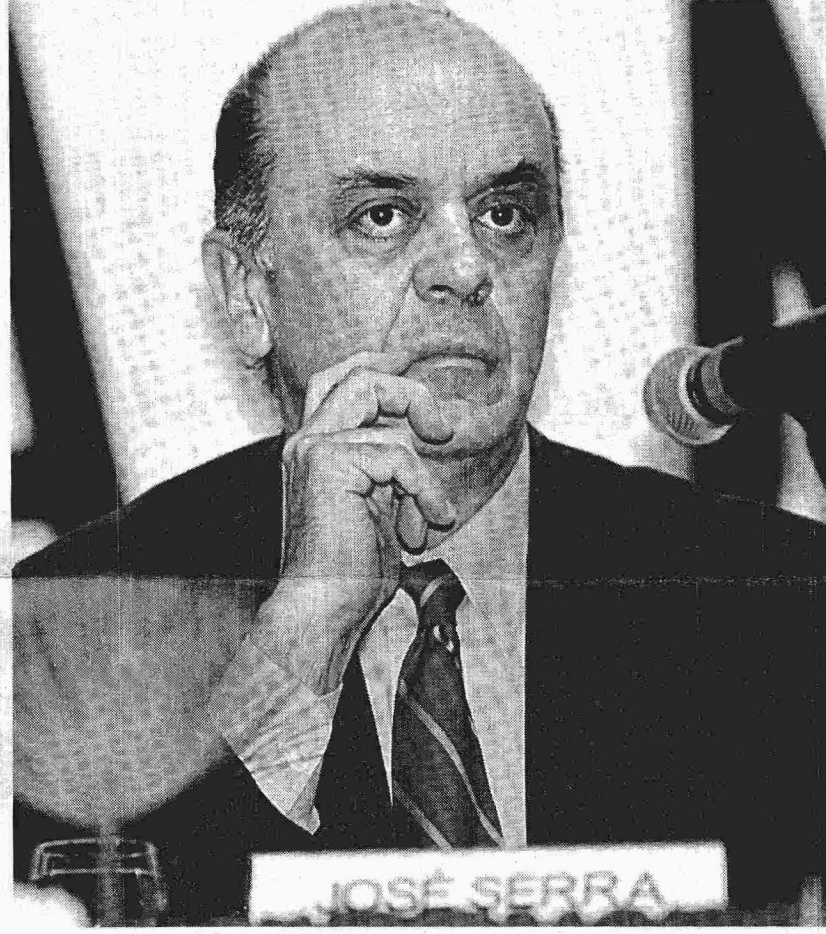
Ciro Gomes (PPS) quer apoio de dissidentes da situação e da oposição



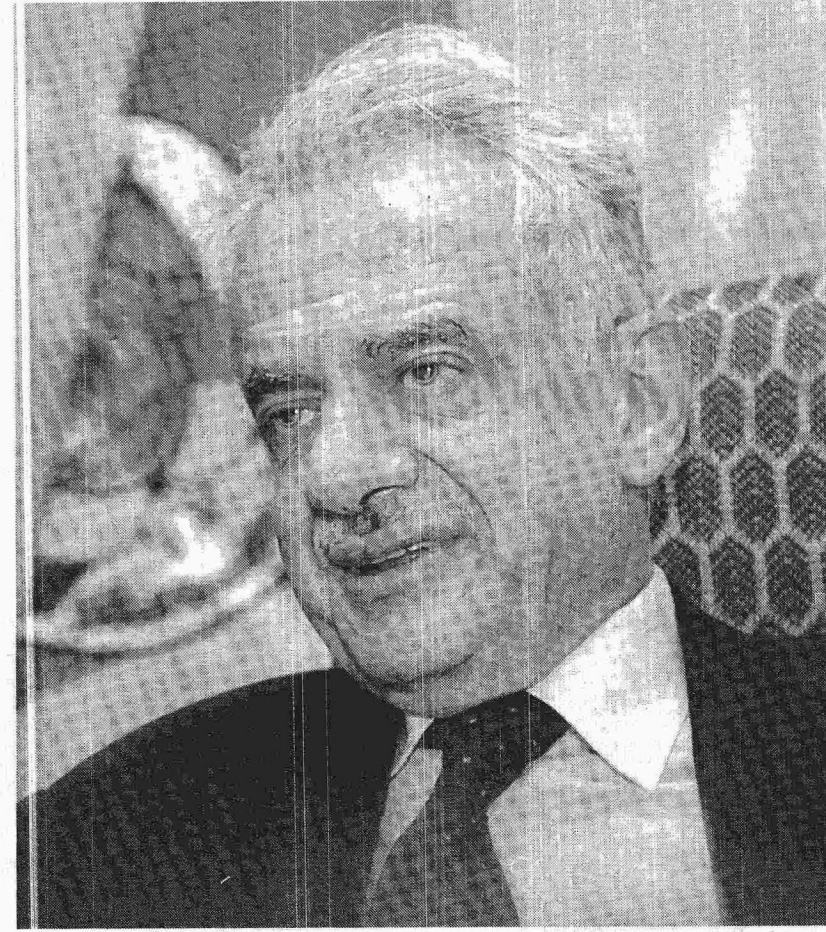
Itamar Franco (sem partido) já admite que estará na disputa em 2002



Lula é o candidato natural do PT, mas, hoje, enfrenta oposição interna



O ministro da Saúde, José Serra, é um dos nomes fortes do PSDB



O senador Pedro Simon (PMDB) já está fazendo campanha de rua



O governador do Ceará, Tasso Jereissati, é o favorito dos tucanos